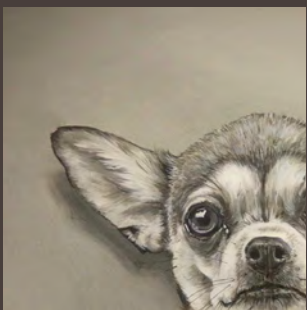


GALERIA **ortopóvoa**



EXPOSIÇÃO **DE PINTURA**

Sofia Torres

DO ESTRANHO



Sofia Torres (2018) Family Portraits (Geraldina) [acrílico sobre tela, 60x50cm]

De Anima & Alma

Um dia destes conheci a Sofia. A Sofia tem alma.

Sei disto, de verdade a dogma, porque vou espreitando. E a alma das pessoas é para ser espreitada; porquanto alguém goste de a trazer escancarada, não nos fica nada bem pasmar de espeque e esteio, violando alma alheia.

A apreciação da arte da Sofia é isso mesmo: um convite à arte de quebrantar almas e com isso desassossegar o próprio espírito. Alma é uma palavra bonita partejada de uma latina e enigmática Anima. E, assim sem mais nem porquê, lá nos tramaram os romanos, de quem herdamos também traditore, que perfilhou traidor e tradutor (o paradoxo etimológico por excelência).

À luz desta obra em concreto, Anima não é necessariamente Alma; mas também não implica não ser, até porque não ser acarreta não ser animado e um ser espera-se que não seja desalmado. É para ligar a caixa dos pirolitos e perceber que aquele cão, que ali está, apesar de pendente de uma parede e convertido num bibelô amputado, parece ainda carregar um resquício de vida nos olhinhos e é isso que nos é inconveniente: viver com a verdade de um óbito animado. A evidência da morte é-nos orgânica no mesmo grau em que nos é asquerosa. Logo, o que podemos dizer aqui, de facto, é que, platonicamente, Anima participa da ideia de Alma e esta da ideia da anterior. Se o “cão” não é um cão, é um ornato em forma de cão, desalmado portanto, ainda que, evidentemente, pela arte que nasceu de um pincel, animado; se o “cão” mantém identidade como tal, tem uma alma aprisionada e desmembrada, refém de uma parede. É, potencialmente, um morto-vivo. Mas o “cão” não é nada disto, em bela verdade. O “cão” é, isso sim, uma representação bidimensional de uma representação tridimensional de um cão. E ainda assim, sobrevivendo à compreensão de dois objectos: tela e adereço, à tonalidade fotográfica post-mortem e à captação de um momento estanque, o cão deixa que lhe procuremos alma e permaneçamos neste inevitável e perpétuo movimento de significação -Uma necessidade da natureza humana.

Não há nada mais obscuro e angustiante do que ver vida na morte e morte na vida. Em contrapartida, vida não é, se não por antagonista ao que deixa de ser. Por muito bizarro que o sintamos: vivemos morrendo a toda a hora. Talvez a Sofia tenha conseguido mostrar, ou por-nos a pensar sobre se, da mesma forma em jogo de oposição vital, morremos vivendo na eternidade.

Obrigada, Sofia, pelo desconforto emocional!

Bem-haja!

Elisa Pinhão Ferreira

Estranho familiar

Se num primeiro esboço, este texto teria o título «A Beleza do Estranho», referindo-se à qualidade de algumas características do Belo associadas ao singular, ao desconhecido, ao sublime, ou aotranscendente, a decisão recaiu sobre «Estranho familiar», valorizando o humanismo em detrimento da superficialidade estética.

Estranho é tudo aquilo que não pertence à esfera do familiar, o que desconhecemos, e tem a particularidade de produzir um duplo estado emocional: repulsa e curiosidade. O primeiro é uma reação frequente perante elementos e situações de constrangimento, que nos coloca em alerta permanente. O segundo resulta do interesse em saber mais sobre o desconhecido, intenção de descoberta e aprendizagem. Ambos convergem no âmago entre proteção e conhecimento, complementando-se num equilíbrio que promove o desenvolvimento humano: o estranho é o lugar desconhecido para onde o explorador investe; o estranho é a figura que as sociedades constrangidas mais têm aversão. O estranho é mar de descobertas e, paralelamente, a origem de todos os males defendidas por velhos do Restelo. O estranho é bem e é mal, é agressor e vítima. É, no entanto, lugar de mudança.

O texto acerca desta exposição teria, então, de se referir ao papel humanista do interesse pelo estranho, não apenas pelo que ela representa acerca das atrocidades sobre os animais e a natureza, mas sobretudo, por nos fazer pensar sobre o papel ativista e intervencionista da autora. É uma exposição sobre os animais que admiramos e cuidamos e sobre os animais que desconsideramos. É uma exposição sobre a natureza do animal humano perante aquilo que são as suas atitudes inclusivas ou sectaristas, sobre a construção e sobre a destruição, sobre o amor e sobre a violência.

É por isso que, mais do que qualquer ideia de belo sobre o estranho, esta exposição permite-nos pensar sobre inclusão, sobre diferente, sobre vítimas e sobre agressores, sobre interioridade e superficialidade, sobre forma e sobre significado. É, sobretudo, uma exposição sobre animais. Aqueles que tão intensamente são representados, quase antropomorfizados, cheios de alma e sentido, mas também sobre os animais a que o humano corresponde, cheio de noções desalinhadas de valor humanista, tão cheio de segurança na discriminação do que não é igual, daquilo que é estranho, daquilo que não lhe é familiar.

Estranho é, por isto, uma manifestação intencional sobre o lugar que a diferença ocupa na sociedade atual, em que, constantemente se convocam subjetivas leituras para justificar a incapacidade humana de aceitar e interessar-se pelo que não é igual a si, optando frequentemente pela opção mais fácil, a de despojar-se, escondendo ou destruindo o que não se lhe assemelha, aniquilando a possibilidade da descoberta, do conhecimento e, mesmo, do amor. E, se aqui, poder-se-ia falar de animais domésticos, certamente não podemos deixar de pensar nos lugares e naqueles a quem os cães e gatos seriam fieis, caso estes lhes permitissem, os aceitassem na sua qualidade imaterial de seres emocionais, vivos e devotos daqueles que os respeitam e os veneram como seres vivos, como seres iguais, na sua família.

Domingos Loureiro
Professor Auxiliar FBAUP / i2ADS



Cara Victory Violet
Querida cadela,

vi o seu retrato e senti-o insensato. Noto ser uma imagem que propõe dupla viagem. Uma sendo figurativa que admite identificá-la, outra sendo imaginária que permite estranhá-la. A retratada está lá, apesar de desajustada, como lá está.

Deixe-me dizer-lhe querida Victory Violet: o seu retrato chama a atenção, já que não sendo abstrato permite a descoberta, e porque vai para além do formato, inquieta, pois não. Uma olhadela atenta mostra a cadela como se apresenta, enquanto uma espiadela mais lenta, mostra a cadela como não se aparenta. Emanam imagem canídea com roupagem humana. Permita-me dizer-lhe que o retrato que lhe fizeram é simultaneamente explícito e esquisito, realista na identificação e surrealista na composição.

Estimada Victory,

no seu retrato, não é a cor nem o tamanho que é estranho. Porém, não lhe pertence aquela postura vertical, nem aquela desenvoltura tão intelectual. O seu pescoço está demasiado altivo mais parecendo um esboço descabido e anormal à observação. O seu olhar é excessivamente contemplativo e dá-lhe um ar exageradamente reflexivo para animal de estimação. Está muito favorecida, minha querida.

A pintura é fantástica porque estabelece uma rutura, que não sendo drástica é, no entanto, sarcástica. Transforma a realidade habitual numa irrealidade virtual. Há lá algo de familiar que nos aproxima da pintura e algo de estranhar que nos legitima uma conjetura. A contemplação obriga a investigar aquela alteridade, numa inspeção de outra realidade.

O seu retrato certifica que a artista Sofia Torres é de notada competência; domina a arte de pintar com elevada ciência; sabe combinar beleza com estranheza e realismo com surrealismo.

Um obrigado do coração por mo ter emprestado para a exposição.

Afonso Pinhão Ferreira









Sofia Torres (2016) Hoof of Caesar [acrílico sobre tela, 50x50cm]

Sofia Torres (2017) Hanging in There 2# (Garoto) [acrílico sobre tela, 150x100cm]

Sofia Torres (2018) Do Estranho #1 (Dragão)[acrílico sobre tela, 30x30cm]



Sofia Torres (2018) Do Estranho #2 (Nativo) [acrílico sobre tela, 30x30cm]



Sofia Torres (2017) Hanging in There 3# (Rambo) [acrílico sobre tela, 150x100cm]



Sofia Torres (2016) *Hanging in There (Estável)* [acrílico sobre tela, 150x100cm]





Sofia Torres (2017) Family Portraits (Pacheco) [acrílico sobre tela, 60x50cm]



Sofia Torres (2016) Love Torn Us in Parts [acrílico sobre tela, 80x60cm]

THE UNCANNY

O uncanny é um conceito apresentado por Freud em *Das Unheimliche* (1919) que se refere genericamente ao sentimento de "algo ameaçadoramente estranho."

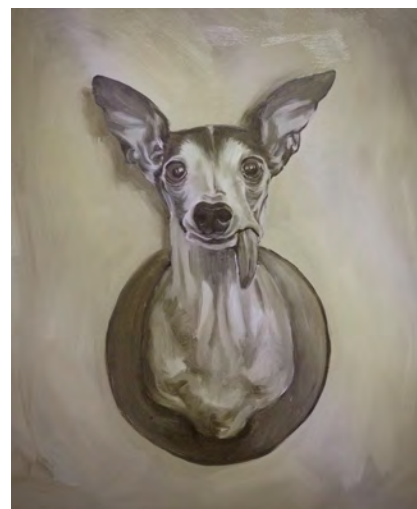
Para Freud, a palavra *unheimlich* pertence a duas esferas de ideias que, não sendo opostas entre si, se encontram bastante distantes uma da outra, ou seja por um lado, significa o que é familiar e agradável, e por outro, o que está dissimulado e escondido da vista, mas que simultaneamente provoca uma sensação de uma leve angústia/estranheza, pertencendo à esfera do assustador, daquilo que provoca medo e horror.

No seu texto, Freud apresenta uma série de elementos (pessoas e coisas, impressões, acontecimentos e situações) que podem suscitar ou sugerir o sentimento de uncanny. No sentido de enquadrar o contexto subjacente a esta exposição de pintura, destaca-se aqui a relação a bonecas/autómatos, membros decepados e à morte.

Relativamente ao motivo das bonecas/autómatos, o uncanny manifesta-se perante a incerteza se estamos perante algo animado/inanimado, ou seja a partir da dúvida acerca do facto de um ser/objecto aparentemente sem vida poder ou não animar-se. Esta característica está associada ao confronto perante "membros soltos, uma cabeça decepada, uma mão desprendida do braço, pés que dançam por si sós, pois contêm em si algo de extrema e ameaçadoramente estranho, sobretudo quando, (...) para além disso lhes é atribuída uma actividade autónoma."¹

No que diz respeito à morte, o sentimento de uncanny é despoletado em relação a tudo o que se relaciona com o óbito, cadáveres, ao regresso dos mortos, espíritos e fantasmas. Freud destaca a morte como a fonte mais incisiva do "sentimento de algo ameaçadoramente estranho", pois defende que a nossa relação com a morte foi dos poucos pensamentos/emoções que sofreram menos alterações desde os tempos primitivos, e explica essa paragem evolutiva através de dois factores: "a força das nossas reacções sentimentais originárias e a incerteza do nosso saber científico. A nossa biologia ainda não conseguiu decidir se a morte é uma fatalidade necessária de todos os seres vivos ou se é apenas um caso regular, embora talvez evitável, que faz parte da vida."²

A partir desta contextualização teórica, presente exposição foi organizada a partir do conjunto de pinturas que constituiu a Prova Final do Doutoramento em Arte e Design na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Procurou-se não fazer uma ilustração do uncanny, mas sim, através da informação que foi sendo recolhida e trabalhada, reflectir e construir uma interpretação pessoal do conceito de Freud. Um projecto ou uma investigação em arte foca sempre um ponto sensível onde duas modalidades ostensivamente contrárias, a imagem e texto, são ou se tornam indiscerníveis, onde uma não deve ser a ilustração da outra, mas devem-se simultaneamente enquadrar e complementar.



Sofia Torres (2017) Family Portraits (Tiki Time)
[acrílico sobre tela, 60x50cm]

¹ Freud, S., & Bastos, J. G. (1994). *Textos essenciais sobre literatura, arte e psicanálise*. Lisboa: Europa America, pp. 230.

² Freud, S., & Bastos, J. G. (1994). *Textos essenciais sobre literatura, arte e psicanálise*. Lisboa: Europa America, pp. 229.

Assim, partindo da noção em que o uncanny se manifesta perante a incerteza entre se estamos em face a algo animado/inanimado, procurou-se trabalhar visualmente sobre a ambiguidade na leitura dos territórios subtis da fronteira entre vida/morte, através da representação do animal na pintura, particularmente com base na representação de animais taxidermizados.

A taxidermia como conceito tem em si algo de uncanny, pois procura induzir a ideia de vida em algo que está morto.

Mas a representação pictórica de um animal taxidermizado pode conter em si um carácter ainda mais uncanny, pois, tratando-se de uma representação, o espectador não tem acesso a essa imobilidade que revela/desvenda se está perante um mero objecto (boneca/autómato) ou um ser vivo, provocando esse desfocamento na distinção entre a vida/morte.

No entanto, na pintura é ainda mais acentuada essa ambiguidade da leitura entre se estamos perante a representação de um animal verdadeiro ou embalsamado, através da dissimulação das poses e da composição e da atmosfera. Neste contexto, a utilização da monocromia e das tonalidades sépia, pretende acrescentar uma carga memoriográfica implícita às imagens, remontando ao passado, ao sonho, à morte.

O conjunto de pinturas que faz parte desta exposição, procurou reflectir acerca da anfibiologia do desconforto causado perante a representação de algumas tipologias de animais taxidermizados - particularmente de animais domésticos - os quais se encontram decapitados, num confronto entre aquilo que é familiar (íntimo ou doméstico), e que atrai, mas simultaneamente estranho e dissimulado, provocado pelas poses, situação e atmosfera das personagens, na procura de uma deambulação intelectual envolvida pelo seu estatuto incerto das imagens, no território de fronteira entre a vida/morte, atracção e repulsa, íntimo e exposto, explorando uma visão pessoal acerca do conceito de uncanny.

Sofia Torres



Sofia Torres

Nasceu em 1984, vive e trabalha no Porto. Doutoramento em Arte e Design na FBAUP, 2013/2017, Mestrado em Pintura na FBAUP, 2008/2010. Estudos na Accademia di Belle Arti di Bologna, em Itália, 2006/2007. Licenciatura em Artes Plásticas - Pintura, pela FBAUP, 2003/2008 e membro Integrado do I2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade. Professora Auxiliar Convidada na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto desde 2010. Desde 2005 participa em várias exposições individuais e colectivas em território nacional.

Galeria João Lagoa,
Fórum da Maia,
Centro Cultural S. Mamede,
Silo- Espaço Cultural,
Galeria Ortopóvoa

e internacional, em países como **Brasil** (Galeria Mckenzie University, São Paulo), **Japão** (Nagasaki Brick Hall), **Itália** (Galeria Altrebates), **Espanha** (JUSTMAD, Madrid) e recentemente na **Australia** (Peanut Gallery).



PATROCÍNIO



Rua Visconde de Azevedo, 11
4490-589 **Póvoa de Varzim · Portugal**

Tel.: 252 299 240
Tm.: 926 211 076
Fax: 252 627 070

email: ortopovo@ortopovo.pt
www.ortopovo.pt

www.facebook.com/ortopovo
GPS: N 41° 22' 49" | W 08° 45' 29"